Ferreira, Antonio
A Castro

JULIO DANTAS

A Castro

PORTUGAL-BRASIL L^DA
SOCIEDADE EDITORA
LISBOA

A CASTRO

OBRAS DE JÚLIO DANTAS

POESIA

Nada (1896) — 2.ª edição.
Sonetos (1916) — 3.ª edição.

PROSA

Outros tempos, inquéritos médicos às genealogias reais portuguesas, etc. (1909) — 2.ª edição augmentada.
Figuras de ontem e de hoje (1914) — 2.ª edição.
Pátria Portuguesa (1914) — 4.ª edição, no prelo.
Ao ouvido de M.me X (1915) — 4.ª edição, no prelo.
O amor em Portugal no século XVIII (1915) — 2.ª edição.
Mulheres (1916) — 4.ª edição.
Eles e Elas (1918) — 2.ª edição.
Espadas e Rosas (1919) — 3.ª edição.
Como elas amam (1920) — 2.ª edição.
Abelhas doiradas (1920).
As Grandes Batalhas — no prelo.

TEATRO

O que morreu de amor (1899) — 4.ª edição.
Viriato Trágico (1900) — 2.ª edição.
A Severa (1901) — 4.ª edição, no prelo.
Crucificados (1902) — 3.ª edição, no prelo.
A Ceia dos Cardeais (1902) — 23.ª edição.
D. Beltrão de Figueirôa (1902) — 4.ª edição.
Paço de Veiros (1903) — 3.ª edição.
Um serão nas Laranjeiras (1904) — 3.ª edição.
Rei Lear (1906).
Rosas de todo o ano (1907) — 7.ª edição.
Mater Dolorosa (1908) — 4.ª edição.
Santa Inquisição (1910) — 2.ª edição.
O Primeiro Beijo (1911) — 3.ª edição.
D. Ramon de Capichuela (1912) — 2.ª edição.
O Reposteiro Verde (1912) — 2.ª edição.
1023 (1914) — 2.ª edição.
Sóror Mariana (1915) — 2.ª edição.
Carlota Joaquina (1919) — 2.ª edição.
D. João Tenório (1920).
A Castro (1920).

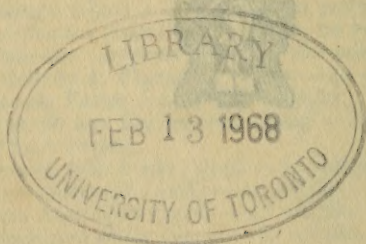
A data indicada para cada obra é a da sua primeira edição

JÚLIO DANTAS
Sócio efectivo da Academia das Sciências de Lisboa
Da Academia Brasileira de Letras

A CASTRO

Adaptação, em 4 actos, da CASTRO, de António Ferreira

LISBOA
PORTUGAL-BRASIL LIMITADA
SOCIEDADE EDITORA
58 — RUA GARRETT — 60

RIO DE JANEIRO
COMPANHIA EDITORA AMERICANA
LIVRARIA FRANCISCO ALVES

A Castro, *primeira tragédia regular da literatura portuguesa, escrita em 1557 pelo doutor António Ferreira, impressa em 1587, e representada antes desta data em Coimbra, é a dramatização de um assunto medieval — os amores de D. Pedro e Dona Inês — feita segundo o* cânon *da tragédia grega, em cinco curtos episódios separados por* stásima *corais, e adoptando, pela primeira vez em Portugal, o dècasilabo branco italiano usado por Giangiorgio Trissino na* Sophonisba. *Durante mais de três séculos, êste monumento do nosso teatro arcáico não se representou, servindo apenas, como* «tous ces longs cadavres vénérables qui encombrent les litteratures» — *na frase de Romain Rolland — para o estudo paciente dos filólogos. Coube-me agora a honra de reani-*

mar a obra-prima de António Ferreira, restitùindo-a, palpitante de vida, ao teatro português, e fazendo-a aplaudir, ao fim de trezentos e trinta e três anos de esquecimento, não apenas com o frio respeito protocolar com que é de uso acolher estas gloriosas múmias clássicas, mas com aquela comoção profunda e aquele entusiasmo vibrante que na alma das multidões só despertam as grandes obras de teatro, dominadoras e eternas. Com efeito, a Castro *subiu à scena na noite de 5 de agosto de 1920, no Teatro Nacional Almeida Garrett, constitùindo, na interpretação admirável de Amélia Rey Colaço, um verdadeiro acontecimento. Tratava-se duma obra reconhecidamente insusceptível de se representar no texto integral, a não ser a título de diver-*

timento erudito, como se usa nas universidades inglesas: foi necessário, portanto, afim de tornar possível a sua realização scénica e de assegurar a sua viabilidade perante as exigências do público moderno, introduzir modificações profundas quer na sua estrutura, quer na sua dinâmica, quer na sua expressão, à semelhança do que Echegaray, Benavente e outros praticaram na vizinha Espanha, em recentes tentativas de rejuvenescimento do teatro de Lope de Vega, de Calderon de la Barca, de Tirso de Molina, de Guevara, e de Moreto. Esta adaptação da Castro, *que agora se dá à estampa depois de aceita, sancionada e legitimada pelo aplauso público, difere, pois, sensívelmente, do texto original de António Ferreira: criaram-se nela personagens no-*

vas; reùniram-se, num acto único, o 3.º e 4.º episódios; atenuou-se a parte do côro, fazendo-se cantar apenas a paródos, *e distribùindo-se os* stásima *por coriféus integrados na acção; procurou-se obter o máximo de movimento compatível com a dignidade hierática da tragédia, e o máximo de lógica e de clareza na dedução dos seus elementos dramáticos; modificaram-se, eliminaram-se, substitùiram-se e acrescentaram-se versos, sempre que isso foi conveniente para maior limpidez da expressão e melhor compreensão das situações; retocou-se, emfim, a tragédia, como se fôsse a velha pintura em tábua dum primitivo do século* XVI, *de fórma a fazê-la sentir e admirar pela multidão; numa palavra, — duma tragédia morta fez-se uma tragédia viva. Que a*

sombra patriarcal do Mestre me perdôe, se puz na sua obra mãos irreverentes. Mas eu entendo, em minha consciência, que prestei à memória de António Ferreira a maior homenagem que podia prestar-lhe, arrancando a Castro *à poeira das bibliotecas, onde só a conheciam os ratos e os filólogos, para, ao fim de três longos séculos, a atirar, em pleno esplendor e em plena glória, para a luz ofuscante do teatro.*

JÚLIO DANTAS.

FIGURAS

Inês de Castro..................	AMÉLIA REY COLAÇO
A Ama	LUCINDA DO CARMO
Uma donzela de Inês...........	OFÉLIA BROCHADO
Uma mulher	ADELAIDE SOARES
Afonso IV	ROBLES MONTEIRO
Infante D. Pedro	CLEMENTE PINTO
O aio	AUGUSTO DE MELO
Um velho	EDUARDO RAPOSO
O mensageiro....................	EDUARDO FREITAS
Diogo Lopes Pacheco	SEIXAS PEREIRA
Pero Coelho	JOSÉ CARDOSO
Alvaro Gonçalves...............	BOTELHO DO AMARAL

Côro de donzelas de Inês. Bispos, ricos-homens, abades-bentos, monteiros, falcoeiros, homens de armas, escudeiros, trombeteiros, carrascos, povo, os três filhos de Inês (Infantes D. Beatrís, D. João e D. Dinís).

Primeiro acto: em Coimbra, na quinta das Lágrimas. *Segundo acto:* no paço real de Montemór. *Terceiro acto:* no paço de Santa-Clara, em Coimbra. *Quarto acto:* numa estalagem da Beira.

SÉCULO XIV

PRIMEIRO ACTO

ACTO I

A scena passa-se na Quinta-do-Pombal, perto dos paços de Santa-Clara, em Coimbra. Na névoa doirada da manhã adivinham-se os gigantes do convento de claristas que Santa Isabel fundou. Junto da fonte-dos-Amores, que sussurra no silêncio e na sombra, uma grande cadeira gótica repousa sôbre um tapete mourisco. E' nessa cadeira que está INÊS, *ao levantar do pano, tendo, assentado aos pés numa almofada de brocado, um escudeiro moço, quási uma criança, que toca alaúde. As donzelas e cuvilheiras da «Colo de Garça» colhem flôres e riem, ao F., entre o arvoredo. São elas que constitúem o côro da tragédia. — Música de scena. — Manhã.*

SCENA I

INÊS, A AMA, DONZELAS DO CÔRO

INÊS

Colhei, colhei alegres,
Donzelas minhas, mil cheirosas flôres!
Tecei frescas capelas
De lírios e de rosas. Coroai tôdas
As doiradas cabeças!

Respirem suaves cheiros
De que se encha o ar todo.
Sôem doces tangeres, doces cantos.
Honrai o claro dia,
Meu dia tão ditoso!

AMA, *aproximando-se de* INÊS, *com ternura*

Que novas festas, novos cantos pedes?

INÊS, *com as lágrimas nos olhos*

Ama! Na criação, ama; no amor, mãi!
Como eu me sinto alegre!

AMA

Novos extremos vejo:
Nas palavras, prazer; água nos olhos!
Quem te fez, a um tempo, leda e triste?

INÊS

Triste não pode estar quem vês contente.

AMA

Mistura às vezes a fortuna, tudo.

INÊS

Riso, prazer, brandura na alma tenho!

AMA, *enxugando-lhe os olhos*

Lágrimas são sinais de má fortuna.

INÊS

São da boa fortuna companheiras.

AMA

Que fôrça de prazer tas traz aos olhos?

INÊS

Vejo o meu bem seguro, que receava.

AMA

Porque me tens suspensa?
Abre-me já, senhora, essa alma tua.
O mal, abranda; o bem, contando-o, cresce.

INÊS, *erguendo-se*

O' ama! Amanheceu-me um claro dia!

Emquanto INÊS *desce, com a* AMA, *o escudeiro do alaúde, que lhe tem beijado a mão, sobe para junto das donzelas, assenta-se ao F., num banco de pedra, e continúa tocando. A música acompanha a fala de* INÊS*:*

Falei ao meu senhor. Infante Pedro!
Meu doce amor, minha esperança e honra!
Sabes como em saíndo dos teus braços,
Ama, na viva flôr da minha idade,
(Ou fôsse fado meu, ou estrela minha!)
Com os olhos lhe acendí no peito o fogo,
Fogo que sempre ardeu, e inda arde agora
Na primeira viveza, inteiro e puro.

Mas o espírito inquieto com os clamores
Do povo, e os rogos graves, que trabalham
Apartar êste amor, quebrar-lhe a fôrça,
Me traziam mudada, receando
A volta da fortuna, porque sempre
Um grande bem, um maior mal promete.
Lograva como a mêdo os meus amores;
Criava o grande amor, desconfiança;
E agora, já confío, nada temo.
Falei a meu senhor.

AMA

Que lhe disseste?
E êle, que te falou?

INÊS

Tomei os filhos
Com lágrimas nos olhos, rosto branco,
E em chôro solto, comecei: «Senhor!
Soam-me as cruéis vozes dêste povo,
Vejo d'el-Rei a fôrça e império grave
Armados contra mim, contra a constância
Que em meu amor, té agora, tens mostrado!

Não receio, senhor, que a fé tão firme
Queiras quebrar a quem tua alma déste;
Mas receio a fortuna, que mais possa
Com seu furor, que tu com teu carinho!
Por estas minhas lágrimas; por esta
Tua mão que em sinal de fé me déste;
Pelos doces amores, doce fruito
Que dêle tens diante, te suplico
Me segures, me guardes, me conserves
Contra os duros mandados de teu pai,
Contra importunas vozes dos que podem
Mudar acaso o teu constante peito!
Ou quando a minha estrela e cruel génio
Te puder arrancar desta alma minha,
Com teu amado braço envolto em sangue
Ma arranques dêste corpo, ó meu Infante,
E eu tomarei por doce a minha morte!»

AMA, *chorando*

Moveste-me a alma e os olhos...

INÊS

Assim disse,
Ama.

AMA

E êle?

INÊS

E êle, então, lançando os braços
Estreitamente em mim, em vão trabalha,
Mudado todo, de encobrir a mágua
De meu temor e lágrimas: «E pode,
O' Dona Inês — me diz — pode teu peito
Conceber tal receio? Aquele dia
Primeiro que te vi, não mostrou logo
Que esta minha alma é tua até à morte?
Por ti me é doce a vida; por ti espero
Acrescentar impérios; sem ti, o mundo
Era um duro deserto para mim!
Na tua mão te ponho, firme e fixa,
Minha alma. Por Infanta te nomeio,
Do meu amor senhora. E no alto estado
Que me espera, só tu serás raínha!»
— Assim falou o meu senhor.

AMA, *com júbilo*

Raínha!

INÊS, *em êxtase*

Raínha!

AMA

Entendo agora as tuas lágrimas,
Filha. Tambêm eu choro. Tão contrária
Nos é sempre a alegria, que inda toma
Lágrimas emprestadas à tristeza!

INÊS

Rege tu, ó minha ama, êste meu peito.
O súbito prazer engana e erra!
Que farei eu?

AMA

Encobre o teu segrêdo.

INÊS

Guardo-o em minha alma...

SCENA II

OS MESMOS, INFANTE, AIO

INFANTE, *aparecendo ao F., com o* AIO

Inês!

INÊS, *apaixonadamente, indo caír-lhe nos braços*

Ó meu Infante!

CÔRO, *cantando, ao F., quási num murmúrio, emquanto* D. PEDRO *aperta* INÊS *de encontro ao peito*

Já quando Amor nasceu,
Nasceu ao mundo vida,
Claros raios ao sol, luz às estrelas.
O ceu resplandeceu,
E, de sua luz vencida,
A escuridão mostrou as coisas belas.

Por amor se orna a terra
D'águas e de verdura!

Às árvores dá folhas; côr às flôres.
Em doce paz a guerra,
A dureza em brandura
E mil ódios converte em mil amores.

Amor em doces cantos,
Em doces liras sôe,
Torne seu brando nome mais sereno:
Fujam máguas e prantos,
O ledo prazer vôe,
E claro o rio faça e o vale ameno!

INFANTE, *desprendendo-a dos braços*

Vai, Inês!

INÊS, *olhando-o, encantada*

Meu Infante!

INFANTE

Vive leda!
Vive segura! Que me importa a morte?
Antes morrer do que viver sem ti!

INÊS, *subindo, e atirando-lhe beijos, num enlêvo*

Meu senhor, meu Infante, minha vida!

Sái pelo F., com as donzelas, que repetem o côro e desaparecem nas sombras do arvoredo.

SCENA III

O INFANTE, o AIO

INFANTE

Deus, Senhor poderoso, pai do mundo,
A cujo acêno treme a redondeza,
A cujo querer, nada é impossível!
Fortalece o meu peito; arma-me todo
De paciência igual à dura afronta!
Socega os alvoroços dêste povo,
A fúria de meu pai, que em vão trabalha
Arrancar-me minha alma donde vive!
Sou humano, Senhor. Tentações grandes
Vencem ânimos fortes. Minha Inês!

Ferve o sangue, arde o peito, cresce-me a ira
Contra quem me perségue. Tu me amansa!
Tu me aclara e me guia!

Ao velho AIO, *que o escuta:*

Dize, amigo.
Arrancam-me as entranhas. Que me querem?
Essa gente que quer, que assim me mata?

AIO

Querem-te só. Procuram tua honra.

INFANTE

Procuram apartar-me donde vivo!

AIO

Se te visses, senhor, vêr-te-ías morto,
Vêr-te-ías cego.

INFANTE

Porque assim me falas,
Tu?

AIO

Meu senhor, porque vos amo e sirvo.

INFANTE

Também tu me perségues?

AIO, *com doçura*

Aconselho-te;
Guio a tua alma, meu senhor Infante.
Que coisa mais destroi o rei e o reino?
Que coisa cria mór desprêzo e ódio
Que vê-lo sujeitar-se a coisas baixas?
Que vê-lo ser mandado de seus vícios?
Com que rosto, senhor, darás castigo
Aos que cometam o que tu cometes?
Como conservarás a obediência
Santa devida aos pais, pois tu a negas
Aos teus, no que te pedem justamente?
Memória deixarás de mau exemplo
A teus filhos; darás licença larga
A reis que isto souberem,—e ao mundo, causa
De escurecer teu nome para sempre.

Todos sôbre ti cáem. Senhor, vê-te!
Conhece-te melhor. Entra em ti mesmo.
Verás então porque é que te importunam,
O que o teu reĩ te pede, e o teu povo!

INFANTE

Não. Eu não sou o que me julgam todos;
Nem é tamanho o mal, como o tu vês.
Que entendes tu dum coração de príncipe?
Julgas que amar é um crime? Tu, vós todos,
Olhai essa mulher. Vêde o que há nela!
Dum sangue nos formou a natureza:
Real é; vem de reis; de reis é digna.
Fôsse eu monarca de mil mundos, rei
Da terra inteira, iria pôr-lha aos pés.
Parece-me pequena essa corôa
Para a sua cabeça! — Não, amigo.
Deixe o rei, deixe o povo de cançar-me.
A ninguêm obedeço; a ninguêm ouço.
Arranquem-me a vontade dêste peito;
Arranquem-me do peito esta minh'alma!
Melhor o acabarão, do que apartarem-me
Donde estou, donde vivo: que primeiro
A terra subirá onde os céus andam,

O mar abrazará os céus e a terra,
O fogo será frio, o sol escuro,—
Que eu te deixe na vida, ó minha Inês!

AIO

Amor em ti só reina, amor só manda,
Peçonha doce d'alma, de honra e vida!
Mas porque não te movem tantos choros
Da Raínha, tua mãi? E tantos rogos
D'el-Rei teu pai? E os meus, que te suplico:
Aparta-te de Inês!

INFANTE, *violento*

Basta!

AIO, *numa súplica*

Deus!

INFANTE

Basta!
Não te pedi conselho! Vai!

AIO, *exortando-o*

Infante!

INFANTE, *crescendo, numa ameaça*

Vai-te diante de mim! Vai, que me cegas!

O AIO *sai, tristemente. — O* INFANTE, *abatido, cai sôbre a cadeira gótica, junto à fonte:*

Ó perseguição grande! Ó ódio estranho!
Homens de entranhas feras e danadas!
Que me quereis? Que sem razão vos faço
Em ter igual amor a quem mo tem?
A quem tudo merece, e inda é pequeno!
Homens, que procurais a minha morte
E o meu sangue, — ah, quanto vós daríeis
Por saberdes odiar e amar como eu!

SCENA IV

INFANTE, INÊS, CÔRO

INÊS, *entrando pelo F., aproximando-se do* INFANTE *que medita, olhando-o num vago receio tímido, e tomando-lhe a mão*

Em que pensavas, meu senhor?

INFANTE, *mudando a sua expressão bárbara num sorriso de ternura*

Em ti.

Beijam-se. Ouvem-se os sinos do convento de Santa Clara. O sol inunda a scena. As donzelas de INÊS, *invisíveis, cantam ao longe. — O pano cài.*

SEGUNDO ACTO

ACTO II

Nos Paços de Montemór. Uma larga sala abobadada. Arcada ogival praticável, ao fundo. À direita, oratório. O REI *dá beija-mão. Passam os Bispos, os Abades-bentos, os ricos-homens, o povo. Junto de* AFONSO IV *estão os seus conselheiros privados:* DIOGO LOPES PACHECO, ALVARO GONÇALVES, PERO COELHO. *À extrema direita da scena, entre o povo, um* VELHO, *corifêu do côro trágico. As figuras vão passando, beijam a mão do rei, e sáem pela arcada do F.—Música de scena.—Dia claro.*

SCENA I

REI, PACHECO, COELHO, GONÇALVES, UM VELHO

O VELHO, *como se falasse para si próprio, olhando o* REI

Quanto mais livre, quanto mais seguro
E' aquele estado que, de si contente,
Permite que se viva numa honesta
Mediania!

Tristes pobrezas, ninguêm as deseje;
Cegas riquezas, ninguêm as procure:
Num meio honesto está a felicidade
Dos céus e terra.
Reis poderosos, príncipes, monarcas,
Sôbre nós pondes vossos pés, pisais-nos:
Mas sôbre vós está sempre a fortuna;
Nós, livres dela.
Nos altos muros sôam mais os ventos;
As mais crescidas árvores derribam;
A mais inchada vela, o mar a rompe;
As torres cáem.
Pompas e ventos, títulos famosos,
Não dão descanço nem mais doce sono;
Antes mais cançam, antes mais destróem,
Antes mais matam.
Como se volvem pelo mar as ondas,
Assim se volvem êsses peitos cheios:
E nunca fartos, nunca satisfeitos,
Nunca seguros.
Quem mais deseja, muitas vezes se acha
Triste e enganado: poucas vezes dorme,
Temendo o fogo, o vento, o ar, as sombras;
Temendo os homens.
Rei poderoso, tu porque desejas

Nunca ter reino? Porque essa corôa
Chamas pesada? Pelo pêso d'alma
Que te assoberba.
Tristes pobrezas, ninguêm as deseje;
Cegas riquezas, ninguêm as procure...

Todos passaram. O VELHO *atravessa a scena, trémulo, envolvido na sua loba negra, beija a mão ao* REI, *e sái. E' o último. A música cessa.*

SCENA II

OS MESMOS, MENOS O VELHO

REI, *erguedo-se, descendo do estrado, e pondo o sceptro de oiro sôbre uma almofada de veludo vermelho que um escudeiro moço lhe apresenta*

O' sceptro rico! A quem te não conhece,
Como és formoso e belo! E quem soubesse
Quão diferente és do que prometes,
Neste chão que te achasse, quereria
Pisar-te antes aos pés, que levantar-te.

Não louvo os que se louvam por impérios,
A ferro, a sangue, a fogo; mas aqueles
(O' grandeza espantosa e ânimo leve!)
Que, tendo-os muito grandes, os deixaram.

A DIOGO LOPES PACHECO, *emquanto tira da cabeça a corôa e a coloca sôbre a almofada:*

O resplendor dêste oiro nos engana:
E' terra só, e terra a mais pesada.

PACHECO

Trabalho, mais que estado, têm os reis,
Os bons reis, que não amam os seus vícios
Como as obrigações de se mostrarem
Contra si mais isentos e mais fortes.
Um tal rei como tu, senhor, é rei.
Não te pese de o ser, que virá tempo
Que te hajam mais inveja a êsses trabalhos
Sofridos com paciência e bem regidos,
Que a vitórias famosas com grã perda
De homens e de riquezas mal ganhadas.
Isso faz os reis grandes, dignos sempre

De memória imortal: sofrer trabalhos
Pelo bem público; quebrar a fôrça
Do sangue e o próprio amor; atalhar males,
Antes que êles se tornem sem remédio.
Ser duro, mas ser justo: isso é ser rei.

REI, *indo assentar-se num escabelo, a meio da scena*

Antes eu o não fôra! Vêr o Infante
Meu filho rebelado contra mim,
Duro a meus rogos, duro a meus mandados!
Que esirela foi aquela, tão funesta?

COELHO

Uma mulher, senhor, que tudo pode.

PACHECO

Uma mulher, que é a perdição do reino.

REI, *a* ALVARO GONÇALVES, *que fica na sombra, de braços cruzados*

Que me aconselhas tu?

GONÇALVES

Senhor, justiça!

REI

Duro remédio. Quanto melhor fôra
Amor e obediência! Meus pecados,
Quão gravemente sôbre mim caíram!

COELHO

Mandai matar Inês...

GONÇALVES, *concluíndo*

E tudo é feito.

REI

Matar Inês?

PACHECO

E' a salvação do povo.

REI

Matar quem não tem culpa?

COELHO

Pode um rei
Mandar matar sem culpa, mas com causa.

REI

Que lei há que a condene, ou que justiça?

PACHECO

O bem comum, senhor.

REI

Que crime é o dela?

PACHECO

Vive. A sua morte é a segurança e a paz.

REI, *depois dum silêncio, olhando-os*

E' o conselho que me dais?

PACHECO

A morte.

COELHO, *a quem o* REI *olha*

A morte.

REI, *a* ALVARO GONÇALVES

Tu, tambêm, amigo?

GONÇALVES

A morte.

REI

Matar uma inocente?

COELHO

Que nos perde.

REI

Não achais outro meio?

PACHECO

Não o temos.

REI

Metê-la num mosteiro!

PACHECO

Queimá-lo-hão.

REI

Lançá-la dêste reino!

COELHO

O amor vôa.

PACHECO

Êste fogo, senhor, não morre logo.

Quanto mais lhe resistes, mais se acende.
Contra amor, que logar darás seguro?

REI

Matá-la, não, que é rigoroso e iníquo.

COELHO

Não vês, não ouves, quantas vezes morrem
Muitos que o não merecem?

GONÇALVES, *sombrio*

Deus o quer!

REI, *erguendo-se*

Se Deus o quer, amigos, Deus o faça,
Cuja vontade é lei, e a minha não.

PACHECO

Os reis, senhor, são como Deus na terra.
Pois que dirás daqueles que a seus próprios
Filhos e a seu amor não perdoaram
Por exemplo comum, e bem do povo?

REI

Aos que bem o fizeram, tenho inveja;
Os outros, nem os louvo, nem os sigo.

COELHO

O bem geral, quer Deus que mais se estime
Que o bem particular.

REI

Antes Deus quer
Que se perdôe a um mau, que um bom padeça.

Terminante:

Não mato uma inocente.

PACHECO

Não és justo!
Vês, poderoso rei, vês com os teus olhos
A peçonha cruel, que vai lavrando
Gerada dêste amor cego; vês quanto
A soberba, o desprêzo dêstes homens
Contra ti, contra todos vai crescendo:
Se em tua vida nos tememos tanto,

Que faremos depois da tua morte?
Por dar saúde ao corpo, qualquer membro
Que apodrece se corta, e pelo são,
Porque o são não corrompa. Êste teu corpo,
De que tu és cabeça, está em perigo
Por esta mulher só: corta-lhe a vida,
Atalha esta peçonha, tê-lo-hás salvo.
És médico, senhor, desta república.
O poder que tem o médico num corpo
Tens tu sôbre nós todos: usa dêle.
Se te parece, em parte, isto crueza,
Não é crueza aquela, mas justiça,
Quando de cruel ânimo não nasce.
A clemência por certo é uma virtude
Nos grandes reis; mas a fraqueza, não.
Já mostraste que sabes ser clemente;
Mostra agora, senhor, que és justiceiro!

REI, *que o tem ouvido, reflexivo e hesitante*

A parte que me cabe neste feito
Eu a ponho em vós tôda, como aqueles
A quem cabe o dever de aconselhar-me,
Sem ódio nem temor, o que é mais justo
No serviço de Deus e bem do povo.

Vós outros sois meus olhos, que eu não vejo;
Sois vós os meus ouvidos, que eu não oiço.
Se eu me enganar, amigos, que a injustiça
Sôbre a vossa cabeça cáia inteira!

GONÇALVES

Assim seja, senhor!

REI

Pois que assim seja.

COELHO

Almas e honras temos: estas ambas,
A ti, senhor, se devem; a ti as damos.
Se é mau nosso conselho, o mal é nosso.
Aventuramos vidas e fazendas
Que ao ódio do teu filho ficam sempre;
Mas percamo-nos nós, percamos vidas,
Soframos cruéis mortes, nossos filhos
Fiquem órfãos de pai e deserdados,
A cólera do Infante nos persiga, —
Antes isto, senhor, do que faltarmos
A aconselhar-te com nobreza e honra.

REI

Ide armar-vos. Espero-vos aqui.

PACHECO, *saíndo com* GONÇALVES *e* COELHO

Os juizos dos reis, Deus os inspira!

SCENA III

O REI, *só*

REI, *voltando-se para o oratório, numa atitude dolorosa de angústia e de súplica*

Senhor, que estás nos céus e vês as almas
Que cuidam, que propõem, que determinam!
Alumia minh'alma, não se cegue
No perigo e nas trevas em que está.
Entre mêdo e conselho vivo agora.
Matar injustamente é uma crueza;
Socorrer um mal público, é piedade.
Duma parte receio, doutra tremo.
Ó filho meu, que queres destruír-me!

Tem dó desta velhice tão cançada;
Muda essa pertinácia em bom conselho;
Não dês razões, filho, para que eu fique
Julgado mal na terra e condenado
Ante o grande juiz que está nos céus.
Oh! Vida felicíssima, que vive
O pobre lavrador só no seu campo,
Seguro da fortuna e descançado!
Ninguêm menos é rei, que quem tem reino!
A realeza, Senhor, é um captiveiro;
E' a servidão na púrpura; é o inferno
Na alma! — Temo o filho; temo os homens.
Dissimulo com uns; suspeito de outros;
Tremo das sombras; fujo de mim mesmo;
E entre um filho rebelde e um povo irado,
Sofro, e suspiro, e gemo, e dissimulo!

Caíndo, prostrado, sôbre o escabelo, como um grande farrapo doloroso:

Senhor, que és rei dos reis, Deus poderoso,
Tem piedade da minha realeza!
Tem piedade de mim!

SCENA IV

OS MESMOS, PACHECO, COELHO, GONÇALVES

Os três conselheiros entram pelo F., armados de cotas e loudéis, com espadas e misericórdias ao pescoço.

PACHECO

Meu Senhor!

REI, *erguendo-se, recobrando a sua majestade perdida, e atirando, num repelão, o capuz sôbre a cabeça*

Vamos!

Ouve-se, muito ao longe, o côro das môças de Coimbra à morte de INÊS. — *O pano cái.*

TERCEIRO ACTO

ACTO III

Uma câmara nos Paços de Santa-Clara. Todo o carácter dum interior solarengo do século XIV. *Ao F., janela ampla, geminada, aberta sôbre o Mondego: vê-se, na outra margem, a alcáçova de Coimbra com os seus coruchéus. À D. alta, porta. A E. da scena abre para uma alcova de segunda luz, separada do recinto onde a acção se passa por uma larga tapeçaria mudejar pendente duma viga de castanho que atravessa o tecto. Quando se levanta o pano, a tapeçaria está corrida a um dos lados, de modo a vêr-se o interior da alcova, com o leito de* INÊS, *os berços dos pequenos Infantes, uma enorme lâmpada de prata que scintila na penumbra. O mobiliário sóbrio do século: arcas; escanos pesados de castanho lavrado; velhas uchas, sôbre uma das quais se vêem as tábuas pintadas dum oratório flamengo. Tochas em argolões de ferro chumbados às paredes. — Manhã clara.*

SCENA I

INÊS E OS TRÊS FILHOS

INÊS *está junto da janela do F., olhando o rio. Muito aconchegada a ela, uma das crianças; outra, brincando na alcova; a terceira, junto duma arca. São os pequeninos Infantes D. João, D. Dinís e D. Beatrís,*

INÊS

Nunca mais tarde para mim, que agora
Amanheceu. Ó sol claro e formoso!
Como alegras os olhos que esta noite
Cuidaram não te vêr! Ó noite triste!
Ó noite escura, que comprida foste!
Como cansaste esta alma em sombras vãs!
Em mêdos me trouxeste tais, que cria
Que ali se me acabava o meu amor,
Ali a saùdade da minha alma,
Que me ficava cá...

Desce; os filhos rodeiam-na; abraça-os:

E vós, meus filhos,
Meus filhos tão formosos, em que vejo
Aquele rosto e olhos do pai vosso,
De mim ficáveis cá desamparados...
Ó sonho triste, que assim me assombraste!
Tremo inda agora. Tremo! Deus afaste
De nós tão triste agouro; Deus o mude
Em destino melhor e em melhor dia.
Crescereis vós primeiro, filhos meus,
Que chorais de me vêr estar chorando,

Meus filhos tão pequenos! Ai, meus filhos!
Quem em vida vos ama e teme tanto,
Na morte, que fará?

Enxugando as lágrimas, num sorriso de esperança:

Mas vivereis,
Crescereis vós primeiro. Que veja eu
Que pisais êste campo, em que nascestes,
Em formosos ginetes arraiados
Quais vosso pai vos guarda, com que o rio
Passeis a nado a vêr esta mãi vossa,
Com que canceis as feras, e os inimigos
Vos temam de tão longe, que não ousem
Nomear-vos sòmente...

De novo, soluçando e caíndo sôbre uma arca, abraçada às crianças:

Ai, filhos, filhos!

SCENA II

OS MESMOS, A AMA

AMA, *entrando pela D., com uma grande infuza de prata sôbre o quadril, e dirigindo-se para a alcova*

Que choros e que gritos, senhora, eram
Os que te ouvi esta noite?

Uma das crianças acompanha a AMA.

INÊS

Ó minha ama!
Vi a morte esta noite, crua e fera!

AMA, *voltando, depois de ter feito desprender a tapeçaria árabe, que cai pesadamente, velando a alcova de* INÊS

Entre sonhos te ouvi chorar tão alto
Que, de mêdo e de espanto, fiquei fria.

INÊS, *à* AMA, ***que se lhe assenta aos pés, num almadraque, emquanto as crianças sobem até à janela***

Inda agora a minha alma se entristece
Assombrada dos mêdos em que estive!
Cançada de cuidar na saùdade
Que sempre leva e deixa aqui o Infante,
Adormeci tão triste, que a tristeza
Me fez tornar o sono mais pesado
Do que nunca me lembra que tivesse.
Então, sonhei que estando eu só num bosque
Escuro e triste, duma sombra negra
Coberto todo, ouvia ao longe uns brados
De feras espantosas, cujo mêdo
Me arripiava tôda, e me prendia
A língua e os pés. E eu, ama, quási morta,
Abraçava os meus filhos, a tremer...
Nisto, um leão bravo alevantou-se, irado;
Rugiu ao meu encontro; e logo, manso,
Para trás se tornou. Mas, em fugindo,
Logo vieram três lobos, não sei donde,
Remeteram a mim, com suas unhas,
E os peitos me rasgaram. Eu erguia
Vozes aos céus, chamava o meu senhor.
Êle ouvia, e tardava... E eu morria

Com tanta saùdade dos meus filhos
E dêle,—que parece que inda a sinto...

Abraça-se à AMA, *chorando.*

AMA

A Virgem mãi te guarde!—Do cuidado
Com que, senhora, andaste e adormeceste,
Se te representaram êsses mêdos.
Não chores...

INÊS

Choro a mágua, choro a dôr
Que ao Infante daria a minha morte...

AMA

Outro dia virá, que te amanheça
Mais claro e mais ditoso: em que a corôa
Que te espera terás sôbre êsses teus
Cabelos de oiro; em que serás raínha...
Deixa vãs sombras, deixa vãos receios.
Temer de longe o mal, é mal dobrado.

INÊS

Como há-de ser alegre quem tem culpas?
Julgam-me mal os homens, e a Deus temo.

AMA

Para que Deus perdôe as nossas culpas,
Basta, senhora, a consciência delas.
Se pecado houve já, já está purgado
Com êsse ânimo firme com que o amor
Uniu as vossas almas, santamente.
A quem muito ama, sempre Deus perdôa.
E nunca uma mulher foi mais amada
Na terra, do que tu.

INÊS, *ouvindo rumor e correndo à janela do F.*

É o meu Infante?

AMA

São as tuas donzelas, que aí vêm.

INÊS, *retirando-se da janela, triste*

Nunca o tanto os meus olhos desejaram!
Nunca o meu pensamento o imaginou
De mim tão esquecido. Deus o guarde!
Deus te guarde, senhor, que me parece
Que algum mal te detêm, algum mal grande!

Arranca-se a minha alma de mim mesma,
Parece que quer voar para os teus braços,
Que sente que me foges, que me deixas!
Por que me tardas tanto, vida minha?

AMA

Danas êsse teu rosto tão formoso,
Filha, com tantas lágrimas. Não chores.

Aproxima-se da janela do F., emquanto INÊS, *abraçada aos filhos, chora.*

Olha as águas do rio, como correm
Para onde está saudoso o teu Infante...
De lá te vê, senhora; elas lhe lembram
Êste aposento seu e da sua alma,
Êste campo formoso, êste ar doirado,
Êstes filhos, senhora, que são filhos
Do amor maior que a terra viu ainda...

Às crianças:

Vossa mãi chora, filhos da minha alma.
Ide enxugar-lhe os olhos, de mansinho...

SCENA III

OS MESMOS, DONZELAS DO CÔRO

1.ª DONZELA, *coriféu do côro, entrando precipitadamente com as outras, pela D.*

Ah! Senhora! Senhora! Tristes novas,
Novas cruéis te trago, Dona Inês!

INÊS, *num grito, amparando-se à* AMA

Minha ama!

AMA, *às donzelas*

Que dizeis, vós outras?

INÊS, *à* 1.ª DONZELA

Fala!

1.ª DONZELA, *chorando*

Ai, coitada de ti! Ai, triste, triste!

INÊS, *às donzelas*

Que mal tamanho é êsse que me trazes?
Amigas que chorais?

1.ª DONZELA

A tua morte.

INÊS, *num grito*

E' morto o meu senhor, o meu Infante?
Matam-me o meu amor? Porque mo matam?

1.ª DONZELA

E' a ti, que êles procuram!

AMA, *transida*

Deus do ceu!

1.ª DONZELA

Querem matar-te. Foge! Gente armada
Vem correndo, senhora, em tua busca.

E' o Rei, que quer cevar o seu furor
No sangue da inocência! Foge! Salva-te!
Salva os teus filhos, Dona Inês!

INÊS, *chorando*

Coitada!
Só, triste, perseguida!—Ah, meu senhor,
Onde estás que não vens?

Às donzelas, quando as trombetas começam a ouvir-se, fóra:

El-Rei me busca?

1.ª DONZELA

El-Rei.

INÊS

Que mal fiz eu? Porque me mata?

1.ª DONZELA

Por ti vem perguntando. Sobe aos Paços.
Busca teus peitos, p'ra com duros ferros
Te serem cruelmente traspassados!

AMA

Cumpriram-se os teus sonhos!

INÊS

Ama, foge!
Foge desta ira grande, que nos busca!
Eu fico. Fico só,—mas inocente.

As trombetas sôam, mais perto.

Rei cruel, aqui me tens!

Abraçando-se aos filhos:

Vós, meus filhinhos,
Vivereis cá por mim,—meus filhos queridos,
Pedaços da minha alma, que eu cá deixo!
Deus de piedade, salva-me, Senhor!
Môças de Coimbra, povo que chorais
Esta inocência minha, socorrei-me!
Que mal fiz eu, para morrer tão cedo?
Meus filhos, não choreis! E vós, amigas,
Cercai-me em roda tôdas, defendei-me,
Amparai-me, salvai-me desta morte!

Tôdas as donzelas rodeiam INÊS, *que estreita os filhos ao peito. A* AMA *prostra-se, de joelhos, junto do oratório de Flandres. — O sol esplende. — Música de scena.*

1.ª DONZELA

Cruel morte, que vens
Buscar esta inocente,
Há piedade e mágua
De seus formosos olhos,
De seu formoso rosto!
Não desates um laço
Tão firme, com que dois
Corações ajuntou
Amor tão estreitamente.
Aquela alva garganta
De cristal e de prata,
Que sustêm a cabeça
Tão alva e tão doirada,
Porque cortar a queres
Com golpe tão cruel?
Há piedade e mágua
De tanta formosura,
Daquele triste Infante
E dêstes filhos seus.

Detêm-te, emquanto chega!
Detêm-te, emquanto tarda!
Corre, ó Infante, corre,
Socorre o teu amor!

SCENA IV

OS MESMOS, o REI, PACHECO, GONÇALVES, COELHO, HOMENS DE ARMAS

Afonso IV, os conselheiros, os homens de armas entram de tropel na câmara de INÊS. *Vê-se, entre êles, a murça vermelha do carrasco.*

PACHECO, *baixo, ao* REI

A piedade, senhor, será crueza.
Cerra os olhos a lágrimas. Sê justo.

REI, *olhando* INÊS, *que caminha para êle*

Esta é, que a mim vem. O' rosto digno
De mais ditosa sorte!

INÊS, *conduzindo os filhos aos pés de* AFONSO IV

Filhos tristes,
Vêdes aqui o pai de vosso pai!
Eis aqui vosso avô, nosso senhor.
Beijai-lhe a mão, pedi-lhe piedade
De vossa pobre mãi!

REI, *olhando-a, comovido*

Quem pode vê-la,
Que não chore, e se abrande?

INÊS

Meu senhor!
Esta é a mãi de teus netos. Êstes são
Filhos daquele filho que tanto amas!
Esta é aquela coitada mulher fraca
Contra quem vens armado de crueza.
Quizeste-te informar de minhas culpas
Por ti mesmo, senhor. Eu to agradeço.
Aqui me tens. Bastava teu mandado,
Para eu, segura e livre, te esperar,
Em ti, em minha inocência confiada.
Escusáras, senhor, todo êste estrondo
De armas e cavaleiros; que não foge,

Nem se teme a inocência da justiça.
Que fúria, que ira esta é, com que me buscas?
Mais contra inimigos vens, que cruelmente
Andassem tuas terras destruíndo
A ferro e fogo. Eu tremo, senhor, tremo
De me achar ante ti, como me vejo.
Mulher, môça, inocente, serva tua,
Eu não tenho ninguêm que me defenda,
Senhor! Só êstes filhos da minha alma!
Que êles falem por mim, que êles supliquem
A piedade dum rei, que é seu avô!
Não com as bôcas, senhor, que ainda são
Pequenos, mas com os olhos, mas com a alma,
Com os seus corpinhos tenros, com o seu sangue,
Que é o teu sangue real,—que não os deixes
Sem mãi, que não os lances na orfandade,
Que me deixes viver, viver, viver!

REI, *a* INÊS, *que se prostra a beijar-lhe os pés, soluçando*

Tristes foram teus fados, Dona Inês;
Triste ventura a tua.—Roga a Deus
Por tua alma.

INÊS

Senhor, porque me matas?

COELHO, ***baixo, ao*** REI, ***que vacila***

Então, senhor!

REI, ***a*** INÊS

Matam-te os teus pecados!

INÊS

Pecados contra Deus, não contra ti,
Meu rei e meu senhor! E Deus é justo,
Deus é benigno, Deus é bom, perdôa
A quem sofre por ter amado muito!

Vendo que o REI, ***comovido, afasta os olhos dela:***

Ouve-me, meu senhor. Por que não me ouves?
Por que não me olhas tu, meu senhor rei?

PACHECO, ***baixo, a*** AFONSO IV

Senhor, é tempo já!

REI, ***àparte, dolorosamente***

Deus poderoso,
Para que déste coração aos reis?

PACHECO, *intervindo, vibrante*

Contra ti, Dona Inês, sentença é dada.
O reino inteiro pede a tua morte!
Pouco é o tempo de vida que te resta.

Apontando-lhe o oratório:

Roga a Deus por tua alma!

INÊS, *soltando-se de* COELHO *e* GONÇALVES, *que a agarram pelas roupas, e atirando-se, de novo, aos pés do* REI

Não! Senhor!
Meu rei, meu pai, ouve-me tu primeiro!
Antes de me matares, rei, — escuta-me!
Que crime é o meu? Dize? Que culpa é a minha?
Matas-me, acaso, porque amei teu filho?
Se os olhos de teu filho se enganaram
Com o que viram em mim, que culpa tenho?
Paguei-lhe o seu amor com outro amor.
Não soube defender-me. Dei-me tôda.
Não a inimigos teus, não a traidores,
Mas a teu filho, príncipe dêste reino!
Não cuidava, senhor, que te ofendia.
Defenderas-mo tu, e obedecera,

E fugira da côrte, para sempre.
Senhor, senhor, porque me matas tu?
Se eu sou a vida do teu filho, rei,
Porque o matas a êle? — E estas crianças!
Êstes filhos, que são o teu retrato,
Senhor! Que não conhecem outros mimos,
Nem outros peitos senão êstes! — Filhos!
Chorai, pedi justiça aos altos céus,
Pedi misericórdia a vosso avô
Contra vós tão cruel, meus inocentes!
Ficareis cá sem mim, sem vosso pai,
Que não poderá vêr-vos, sem me vêr!
Abraçai-me, meus filhos, despedi-vos
Dos peitos que vos deram de mamar,
Dêstes braços de mãi, que vos enlaçam,
E que vão já deixar-vos, para sempre!
Que achará vosso pai, quando vier?
Achar-vos-há tão sós, sem vossa mãi!
Não verá quem buscava, verá cheias
As casas e as paredes do meu sangue,
Vêr-me-há morta, inteiriçada e fria...

Num grito, abraçando-se convulsivamente aos joelhos do REI:

Oh! Não, senhor! Senhor, eu tenho mêdo!

Ampara-me, socorre-me, perdoa-me,
Tem piedade de mim!

REI, *erguendo-a, num grande gesto de piedade*

Ó mulher forte!
Venceste-me. Abrandaste-me. Eu te deixo.
Vive, emquanto Deus quer!

INÊS, *beijando-lhe as mãos*

Senhor!

PACHECO, *num protesto surdo*

Senhor!

AMA, *levando as crianças, emquanto* INÊS, *a atirar beijos ao* REI, *chorando e rindo, se recolhe à alcova*

Vive tu, pois perdoas, rei piedoso!

PACHECO, *vendo o* REI *despedir num gesto o carrasco, que sai*

Oh! Senhor, que nos perdes! Tua fraqueza
E' indigna de ti, do teu real peito!

Vence-te uma mulher, — e queres ter fôrça
Para vencer teu filho!

COELHO, *ao* REI

A que vieste?
Para que nos armámos, afinal,
Senhor, se duas lágrimas te abrandam?

GONÇALVES, *sombrio, tôrvo, ao* REI

Já uma mulher pode mais do que o reino!

PACHECO, *quando se começam a ouvir os clamores do povo, fóra*

Ouve, escuta, senhor. O povo ruge!

REI

Ruja embora, — não mato uma inocente!

GONÇALVES

Tu és rei!

REI, *assentando-se num escano, abatido*

Mas sou homem Chora-me a alma!

PACHECO, *emquanto o rumor augmenta, e o* REI, *perplexo, esconde a cabeça nas mãos*

Pelo teu estado real te suplicamos!
Pelo amor do teu povo! P'lo teu reino!
Por mais vida e mais honra de teu filho,
Príncipe nosso! Por aquele seu
Fernando, único herdeiro, cuja vida
Te está pedindo justamente a morte
Desta mulher! Emfim, por honra tua,
Senhor, senhor, — consente que se cumpra
A sentença de morte que firmaste!
E' a vida do reino e de nós todos!
Se esta mulher não morre, senhor rei,
Vacila-te a corôa na cabeça!

COELHO, *apontando a janela*

Ouve o povo, senhor!

REI, *erguendo-se*

Basta! Deixai-me!
Eu não mando, nem vedo. Deus o julgue.
Vós outros o fazei, se vos parece
Justiça condenar quem não tem culpa!

PACHECO, *arrancando a espada*

Essa licença basta. — A' morte!

COELHO, *arrancando a misericórdia que tem ao pescoço, e correndo, com* PACHECO *e* GONÇALVES, *para a recâmara*

A' morte!

As donzelas querem precipitar-se para a alcova de INÊS; *os homens de armas deteem-nas. Ouvem-se gritos.*

1.ª DONZELA, *debatendo-se entre os braços de homens que a agarram, e atirando-se aos pés do* REI

Senhor, misericórdia! Ó nunca visto
Mais inocente sangue! Como sofres,
Ó rei, tal injustiça! Ouves os brados
Duma pobre mulher, e não a salvas!
Ouves o chôro dos filhinhos, rei,
E não corres...

Ensanguentada, ferida de morte, INÊS *surge à porta da alcova; crispa as mãos na tapeçaria; grita, mas a voz estrangula-se-lhe na garganta; cai morta em scena.*

Horror!

PACHECO, *para o povo, à janela do F., brandindo a espada tinta de sangue*

Justiça é feita,
Por mandado d'el-Rei nosso senhor!

REI, *emquanto o povo aclama, e os sinos dobram*

Não poder eu dar-lhe vida outra vez!

Cai o pano

QUARTO ACTO

ACTO IV

Uma estalagem beirôa onde o Infante, guloso e "viandeiro", como diz Fernão Lopes, descança das suas montarias. Acompanham D. Pedro, abancados com êle, alguns dos seus monteiros e homens-de-armas. Servem-nos mulheres. — Dia claro.

SCENA I

INFANTE, OS MONTEIROS

INFANTE, *depois de ter esvasiado uma escudela de caldo, aos monteiros, que o cercam*

Outro céu, outro sol me parece êste
Diferente daquele que lá deixo
Donde parti, mais claro e mais formoso.
Onde não resplandecem os dois claros
Olhos da minha luz, é tudo escuro.

Comendo, sôfregamente, pão e mel:

Aquele é só meu sol, a minha estrela,
Mais clara, mais formosa, mais luzente
Que Vénus, quando mais clara se mostra.

Daqueles olhos se alumia a terra
Em que sombra não há, nem nuvem escura.
Tudo ali é tão claro, que até a noite
Me parece mais dia que êste dia.

A uma mulher, que lhe enche de vinho a copa:

Mercês.

Bebendo, aos monteiros, que bebem também:

Ali, a terra reverdece
Doutras flôres mais frescas e melhores.
O céu se ri e doira, diferente
Do que neste horizonte se me mostra.
Doutros ares respira ali a gente,
Que fazem imortais os que lá vivem.

Levantando-se, e caminhando para o F.:

Inês, Inês, ó meu amor constante!
Quem me tirar de ti, tira-me a vida.
Minh'alma, lá ma tens; eu tenho a tua.
Em morrendo um de nós, morremos ambos.

Descendo até a um banco de castanho, na E. baixa, onde tem a espada, e armando-se:

Mas quem fala em morrer, amigos? Não!
Muitos anos e muitos viveremos
Sempre os dois neste amor tão doce e puro.
Raínha te verei dêste meu reino,
Inês! Doutra corôa coroada,
Diferente de quantos diademas,
Desde que o mundo é mundo, e o dia é dia,
Brilharam numa fronte de mulher!

SCENA II

OS MESMOS, UMA MULHER, o MENSAGEIRO

UMA MULHER, *entrando, ao* INFANTE,

Senhor, um mensageiro vem da côrte,
Que vos pede audiência.

INFANTE, *assentando-se, já armado*

Pois que venha.

Aos amigos, quando a mulher sái:

Novas d'el-Rei meu pai? Escutaremos.

Vendo entrar o MENSAGEIRO, *coberto de pó, a expressão transfigurada:*

És tu? — Fala, homem.

MENSAGEIRO

Triste mensageiro
Tens ante ti, senhor.

INFANTE

Que novas trazes?

MENSAGEIRO

Novas cruéis. Cruel sou contra ti,
Pois me atrevi trazê-las. A maior
Desaventura é de tôda a terra!

INFANTE

Tens-me suspenso. Fala. Estou escutando.

Instante de hesitação do mensageiro.

Dize! Seja o que fôr!

MENSAGEIRO

Senhor Infante,
E' morta Dona Inês, que tanto amavas.

INFANTE, *erguendo-se, de repelão,*
como uma fera, sacudindo o mensageiro,
crispando-lhe as mãos nas roupas, arrepelando-o,
encarando-o, fixando-o:

Deus! — Inferno! — Ah, Inês! Inês! Inês!
Olha bem para mim: Inês é morta?

MENSAGEIRO, *sucumbido*

De morte tão cruel, que é nova mágua
Contar-ta. Não me atrevo.

INFANTE, *sacudindo-o*

E' morta?

MENSAGEIRO

Sim.

INFANTE

Quem ma matou?

MENSAGEIRO

Teu pai, com gente armada,
Foi hoje salteá-la. A inocente,
Que tão segura estava, não fugiu.
Não lhe valeu o amor com que te amava,
Nem teus filhos, com quem se defendia,
Nem aquela inocência e piedade
Com que pediu perdão, lançada aos pés
D'el-Rei teu pai, que tanto se apiedou
Que lho deu já, chorando. Os seus ministros
Arrancando as espadas — dura afronta! —
Traspassaram-lhe os peitos cruelmente,
E abraçada com os filhos a mataram,
Que inda ficaram tintos do seu sangue.

INFANTE, *correndo pela casa, como louco*

Que direi? Que farei? Que clamarei?
Ó fortuna! Ó crueza! Ó mal tamanho!
Ó minha Dona Inês, ó alma minha,

Morta me és tu? Morte houve, tão ousada,
Que contra ti pudesse? Eu ouço-o, — e vivo!
Eu vivo, minha Inês, e tu és morta!
Coração, coração, porque não estalas?
Porque não se abre a terra, e não me sorve
Num momento? P'ra quê? P'ra que vivo eu?

Caíndo a soluçar sôbre o banco:

Ó minha Inês! Ó alma da minh'alma!
Amor meu, meu desejo, meu cuidado,
Minha esp'rança, minha única alegria!
Mataram-te! Mataram-te! Tua alma
Inocente, formosa, humilde, santa,
Deixou já seu logar p'ra todo o sempre!
Encheram-se as espadas do teu sangue!
Ó leões bravos, ó tigres, ó serpentes!
Porque não vos volvestes para mim?
Mil vidas que eu tivera, vo-las dava
Por um cabelo só da minha Inês!
E o céu não cai, e não tremeu a terra!

Chora, convulsivamente.

MENSAGEIRO

Senhor, para chorar é sempre tempo.

As lágrimas que fazem contra a morte?
Vai ver aquele corpo. Vai prestar-lhe
As honras que lhe deves.

INFANTE

Tristes honras!

Erguendo-se:

Outras honras, senhora, te guardava;
Outras se te deviam. Ó tristeza!
Como poderei vêr aqueles olhos
Cerrados para sempre? Como, aqueles
Cabelos já não de oiro, mas de sangue?
Aquelas mãos tão frias e tão negras,
Que antes via tão alvas e formosas?
Aqueles brancos peitos traspassados
De golpes tão cruéis? Aquele corpo,
Que tantas vezes tive nos meus braços,
Vivo e formoso,— como, morto agora,
E frio, o posso vêr? Ó meu amor!
Tu já não me ouves! Não te vejo mais!
Já te não posso achar em tôda a terra!
Chorem comigo as pedras duras; mudem-se
Em sangue vivo as águas do Mondego;
As árvores se sequem, e as flôres!

Eu te matei, senhora, eu te matei!
Ah! Mas será terrível a vingança!
Rei cruel, rei três vezes inimigo,
Eu te renego de meu pai! Mataste-a:
Vais pagar-me o seu sangue, gota a gota!

Arrancando a espada:

Que o fogo lavre e arraze a tua terra;
Que o sangue corra; que a vingança ruja;
Que, por onde eu passar, só haja morte
E ruínas; que o próprio Deus se espante
De mim! — Amigos, já não tenho pai!

Saíndo pelo F., com os homens-de-armas e monteiros, espada em punho:

Inês! Inês! Ó alma da minha alma!
Vou fazer-te raínha, — finalmente!

O côro, fóra, canta lamentosamente a morte de Inês. — O pano cai.

FIM